

## **Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 17, Sociológica - verificação de áudio incorreta nos primeiros 3 minutos**

**© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt**

Numa sessão posterior, voltaremos a reunir grande parte da nossa discussão nas sessões anteriores relacionadas com a teoria mais hermenêutica relativa às abordagens centradas na história do autor, abordagens centradas no texto e abordagens mais centradas no leitor, incluindo o desconstrucionismo. Reuniremos tudo isso e consideraremos como podemos implementar isso em uma abordagem evangélica à hermenêutica e à interpretação e como esses métodos podem ser integrados e implementados. Mas o que quero fazer nesta sessão é começar a discutir uma série de outras metodologias relacionadas à hermenêutica e à interpretação e hoje começaremos examinando a crítica sociológica ou o que às vezes é chamado de abordagens sociocientíficas para interpretar o Antigo Novo Testamento.

Na verdade, essas abordagens são, em alguns aspectos, um campo muito amplo, pelo menos para que eu possa dominar, e um campo muito amplo para ser tratado com muitos detalhes aqui. Portanto, só posso esperar apresentar-lhe alguns dos contornos mais amplos das abordagens sociológicas e sociais, que são chamadas de abordagens científicas sociais do Antigo Novo Testamento. Em certa medida, as abordagens sociológicas surgiram do descontentamento com outros métodos de interpretação e quando consideramos abordagens sociológicas ou crítica científica social, é importante compreender que os estudiosos identificaram pelo menos duas áreas ou duas abordagens diferentes à crítica sociológica.

O número um é investigar a origem social dos textos, dos textos bíblicos, da origem social e da história dos textos bíblicos. Desta forma, esta abordagem tem muitas sobreposições com algumas das abordagens histórico-críticas tradicionais de que já

falámos. Mas uma segunda área ou via de abordagem à crítica social é investigar o contexto social dos textos, dos textos bíblicos, do contexto social e da história dos textos bíblicos.

Desta forma, esta abordagem tem muitas sobreposições com algumas das abordagens histórico-críticas tradicionais de que já falámos. Mas uma segunda área ou via de abordagem à crítica sociológica é investigar o contexto social da crítica sociológica. Mas uma terceira área ou via de abordagem à crítica sociológica é a aplicação de modelos sociológicos modernos, tomando modelos inteiros e a aplicação indiscriminada desses modelos ao texto bíblico. ou seções de texto bíblico para explicar o que está acontecendo. E, mais uma vez, como disse, o campo é demasiado vasto e, pelo menos, a minha experiência é demasiado limitada para entrar em muitos detalhes sobre esta abordagem.

Mas, novamente, quero aguçar seu apetite e pelo menos dar uma ideia do que é e como pode ser útil. Existem, deixe-me dizer desde o início, numerosos livros que podem ajudar alguém a explorar as dimensões sociais do texto do Antigo Novo Testamento. Livros intitulados Crítica Sociológica ou abordagens científicas sociais para interpretar textos do Antigo Novo Testamento e coisas assim.

Mas deixe-me examinar brevemente essas duas facetas diferentes da crítica sociológica. Novamente, trata-se de explorar o pano de fundo social do texto bíblico e, em seguida, o segundo explora a aplicação indiscriminada de modelos sociológicos inteiros, especialmente teorias sociológicas modernas e estudos sociológicos modernos ao texto bíblico. E vou apenas dar alguns exemplos de como isso foi feito.

Então, em primeiro lugar, olhando para o contexto social do texto bíblico, e como eu disse, esta área em muitos aspectos poderia cair sob a égide quando se consideram os métodos de interpretação, poderia cair sob a égide mais ampla das abordagens

históricas do Antigo Novo Testamento onde você examina a história por trás do texto, as referências históricas dentro do texto. Parte disso poderia ser olhar para o contexto social e as dimensões sociais de um texto mais antigo do Novo Testamento. E é exatamente isso que esse método faz.

Analisa o contexto social ou as dimensões sociais referidas explícita ou implicitamente no texto. Procura descobrir as estruturas sociais ou os valores sociais no antigo mundo bíblico. Mais uma vez, olhar para a dinâmica social, implícita ou explícita, no texto bíblico, faria diferença na maneira como o lemos, o entendemos, o lemos e o interpretamos.

E obviamente isso funcionaria ou deveria funcionar para lançar luz sobre a compreensão e interpretação do texto. A dificuldade, porém, é que, para a maioria de nós, isso pode não ser verdade para todas as culturas, mas para muitas culturas, incluindo a minha, a dificuldade é que a nossa cultura e os valores e dinâmicas sociais com os quais operamos são, por vezes, muito diferentes dos nossos. e distante dos valores sociais, das dimensões e da dinâmica do antigo mundo bíblico. Um exemplo muito simples é que o mundo antigo valorizava o comunitário em detrimento do individual.

Valorizava o grupo ou a unidade familiar ou a comunidade a que alguém pertencia, o que torna difícil para as pessoas que vivem em sociedades altamente individualistas ou sociedades onde é aceitável ou apropriado isolar-se e onde a ênfase está em quem uma pessoa é como indivíduo e o que eles alcançaram como indivíduos. Quando alguém lê um texto bíblico, às vezes isso pode criar uma barreira na compreensão de uma sociedade que valorizava socialmente a comunidade, de modo que mais importante do que quem você era como indivíduo era o grupo ao qual você pertence. E por isso, por vezes, esta lacuna entre o nosso mundo e o mundo dos textos antigos pode constituir uma barreira.

Portanto, é necessário tentar compreender o que poderiam ter sido os valores sociais, a dinâmica social e o contexto social que é implícita ou explicitamente referido ou que está por trás do texto bíblico, a fim de tentar compreendê-lo mais claramente. Na verdade, como alguns que aplicam a análise sociológica ao texto, especialmente estudiosos evangélicos, reconheceram que isto é necessário em analogia com a pessoa de Jesus Cristo, que é Deus encarnado num mundo governado por valores sociais. Portanto, o facto de Jesus ser Deus encarnado num contexto social específico, num contexto histórico, significa então que nos cabe investigar ou prosseguir uma encarnação, como alguns a descreveriam, uma visão encarnada da hermenêutica onde perguntamos ao questão do contexto sociológico que teria produzido o texto bíblico.

A suposição com a qual estou operando novamente é que queremos compreender o texto em seus próprios termos, no seu contexto histórico e sociológico, à luz do que foi compartilhado entre o autor antigo e os leitores antigos a quem ele escreveu. E, portanto, devemos nos familiarizar com o antigo mundo do Oriente Próximo ou com o mundo greco-romano e novamente com a dinâmica social e os valores sociais que teriam governado a maneira como viviam a vida e que agora estão refletidos nos textos do Antigo Novo Testamento e como isso pode fazer diferença na maneira como interpretamos o texto. Especialmente se estivermos propensos a lê-lo à luz dos nossos próprios valores sociais e do nosso próprio contexto social.

Então, o que eu quero fazer é apenas dar alguns exemplos muito brevemente de como os valores sociais em particular ou a dinâmica social, é como as pessoas se relacionam umas com as outras, como elas veem a vida, como seus relacionamentos e vidas são governados na sociedade. e cultura em que vivem e como isso faz a diferença ou como isso pode fazer a diferença na maneira como se lê o texto bíblico. Por exemplo, e como eu disse, há uma série de ferramentas à sua disposição que o

ajudam a entender alguns dos antecedentes sociológicos do texto do Antigo Novo Testamento, mas para lhe dar apenas alguns exemplos. Como já dissemos, uma das dimensões ou valores sociológicos importantes e fundamentais do mundo bíblico era o foco não no indivíduo, mas no grupo ao qual alguém pertence.

Então, como eu disse, o mais importante não era quem você era como indivíduo ou o que você realizou como indivíduo, mas a família à qual você pertence ou o grupo ao qual você pertence ou a comunidade à qual você pertence. Assim, aquela família muitas vezes o pertencimento familiar e a lealdade eram valorizados acima de tudo. Mais uma vez, aqui, pelo menos no meu próprio contexto norte-americano, muitas vezes vemos uma diferença muito distinta, onde às vezes a lealdade familiar e até mesmo famílias fragmentadas são muitas vezes a norma e muitas vezes há frequentemente não aquele vínculo entre os membros da família e as unidades familiares, mas em No mundo antigo, especialmente no mundo greco-romano, a unidade familiar teria sido valorizada acima de muitas ou quase todas as outras relações e unidades.

Lendo o texto desta forma, lendo o texto bíblico, encontraríamos declarações como esta feita por Jesus bastante chocantes e desafiadoras, pelo menos para o leitor antigo. A maioria de nós provavelmente lê este texto e não pensa muito sobre ele, mas estou convencido de que os antigos ouvintes, aqueles que ouviram Jesus dizer isso e aqueles que leram o texto, teriam achado isso um tanto chocante, talvez até ofensivo. Quando no capítulo de Marcos e há outros exemplos disso nos relatos paralelos e nos outros sinóticos, mas vou olhar para Marcos capítulo 3 e versículos 31 e até o final do capítulo versículo 35 que provavelmente também está aplicando as categorias de crítica de forma .

Este é um exemplo de história de pronunciamento onde a declaração culminante parece ser a característica principal do texto, mas ouça o que o autor, a história que

o autor conta. Então chegaram a mãe e os irmãos de Jesus e imediatamente para aqueles que estão sintonizados com as dimensões sociológicas do mundo antigo já reconheceram uma importante dimensão sociológica em curso. A própria mãe e irmãos de Jesus, sua unidade familiar, chegaram agora.

Do lado de fora, eles enviaram alguém para ligar para ele. Uma multidão estava sentada ao redor e disseram a ele que sua mãe e seus irmãos estão lá fora procurando por você, e podemos não achar isso incomum, mas novamente neste contexto que privou a unidade familiar, essa foi uma afirmação crucial. Então Jesus responde, quem são minha mãe e meus irmãos, perguntou ele, a qual pergunta a maioria teria respondido enfatizando a linhagem física e os laços familiares físicos e a unidade familiar física.

Mas o que Jesus diz em resposta a esta pergunta é, em certo sentido, contracultural. Quando ele disse isso, ele olhou para aqueles sentados em círculo ao seu redor e disse: aqui estão minha mãe e meus irmãos e irmãs. Quem faz a vontade de Deus é meu irmão e minha irmã e minha mãe.

Novamente, isso é bastante chocante porque Jesus, em certo sentido, redefiniu a família para incluir não especificamente aqueles que têm relacionamento de carne e osso ou linhagem física, mas agora Jesus a define como qualquer pessoa que faça a vontade do Pai. Assim, Jesus define a unidade familiar de uma forma que não é física, mas espiritual, o que penso que teria sido bastante chocante, talvez até ofensivo, embora não para nós, pelo menos para muitos dos leitores do primeiro século. Esta ênfase na unidade familiar como um valor sociológico chave do primeiro século também pode explicar exemplos como o que encontramos num texto como o capítulo 16 de Atos, onde unidades domésticas inteiras muitas vezes respondiam ao evangelho e respondiam à mensagem salvadora de Jesus. Cristo, Atos capítulo 16 versículos 14 e 15.

Um dos que ouviam era uma mulher da Lídia, negociante de púrpura da cidade de Tiatira, que era adoradora de Deus. O Senhor abriu seu coração para responder à mensagem de Paulo. Quando ela e os membros de sua família foram batizados, ela nos convidou para ir à sua casa.

Portanto, observe aquela referência intrigante de que não foi apenas Lídia, mas toda a família foi convertida e depois batizada. Isto é provavelmente um pouco mais facilmente compreensível, embora existam obviamente questões e explicações teológicas, pelo menos a nível sociológico, isto é um pouco mais explicável em termos da ênfase na unidade familiar como uma unidade comunitária chave e significativa no primeiro século greco-romano. Isso provavelmente também está refletido na declaração de Paulo em 1 Timóteo, capítulo 3 e versículo 15, onde ele, na verdade, um exemplo para o autor de uma carta, nos diz exatamente por que a está escrevendo.

Mas em 1 Coríntios, sinto muito, 1 Timóteo capítulo 3 e versículo 15, Paulo diz, vou voltar e ler o versículo 14, embora eu espere ir até você em breve, estou escrevendo estas instruções para que se eu estou atrasado, você saberá como as pessoas devem se comportar na casa de Deus, ou na casa de Deus. Então mesmo a igreja, frequentemente, Paulo compara à unidade familiar, ou seja, ele retrata a igreja em termos de laços de parentesco, de uma unidade familiar que tem laços tão próximos quanto os físicos, e que Paulo espera que eles mostrem o a mesma preocupação e cuidado uns com os outros e o mesmo apoio que se teria de uma forma mais ampla, na verdade, em uma unidade familiar física e nos laços de parentesco físicos. Então esse é um valor social que parece ser importante no Antigo e no Novo Testamento, que é a ênfase no grupo ao qual a pessoa pertence.

Então eu acho que a frase, nenhuma pessoa é uma ilha, nenhum homem é uma ilha, certamente era verdadeira no mundo bíblico, porque mais importante do que quem você era como indivíduo ou o que você realizou como indivíduo era quem, a qual grupo você pertence. Para, especialmente a unidade familiar e os laços de parentesco serem um valor social crucial. Outro valor social importante foi o da honra-vergonha. Particularmente, o Novo Testamento revela uma sociedade de honra e vergonha, e o que isso significa é que se esperava que você evitasse a vergonha a todo custo, esperava-se que você evitasse trazer vergonha sobre si mesmo agindo de uma forma que fosse aceitável e honrosa, e se você, se sua honra fosse perdida, você deveria agir de uma forma que a restaurasse.

Então, por exemplo, voltando a uma parábola na qual já falamos há algum tempo em Lucas capítulo 15, a parábola do filho pródigo, já sugerimos algumas características dessa parábola que são intrigantes, mas na minha opinião opinião, pode ser claramente entendido como operando de acordo com as dimensões honra-vergonha do primeiro século. Isto é, mas quando o filho pede sua herança ao pai, ele está na verdade envergonhando o pai. Isto é, alguns disseram que é quase equivalente a desejar que o pai estivesse morto, porque assim como na sua morte, o filho receberia a herança.

Assim, o filho age de uma forma que envergonha o pai. E, além disso, se, como sugeri, talvez o cenário desta parábola não fosse uma fazenda no meio do nada, mas uma típica cidade e vila do antigo Oriente Médio, todos estariam observando e saberiam o que aconteceu, talvez o que aconteceu. E então é interessante que o pai, não só o filho traz desonra sobre ele ao pedir sua herança, mas a maneira como o pai age, o seu próprio, ao sair correndo, o que um pai não fez, e cumprimentar seu filho que tinha se o tratar desta forma, o pai arrisca ainda mais a sua honra e arrisca a sua reputação e posição na sociedade.

Portanto, sua própria reputação está em jogo, e ele realmente envergonha-se ao agir dessa maneira. Para dar outro exemplo, nos Evangelhos você frequentemente encontra Jesus, especialmente no final dos Evangelhos, você vê Jesus entrando em debates ou disputas com os líderes religiosos, sejam os saduceus ou os fariseus, diferentes autoridades judaicas, e muitas vezes isso acontece em termos das autoridades judaicas fazendo uma pergunta a Jesus para prendê-lo. E muito provavelmente o que está acontecendo quando eles fazem uma pergunta a Jesus não é simplesmente porque eles têm um problema que desejam resolver ou porque estão simplesmente procurando informações ou para ver se Jesus pode realmente responder à pergunta, embora isso possa ser parte disso, mas muito provavelmente, ao fazerem uma pergunta desta forma, estão a desafiar a honra de Jesus.

Eles estão tentando envergonhar Jesus numa cultura que valoriza a honra, que trabalha com a dinâmica honra-vergonha, e quando Jesus frequentemente responde fazendo uma pergunta, isso equivale a envergonhar seus oponentes. Então, às vezes, Jesus é questionado sobre um texto bíblico diferente, ou penso no enigma que eles apresentam se uma mulher se casar várias vezes e todos os seus maridos morrerem, de quem ela será o marido, esposa, ela será na ressurreição, perguntas como essa todos pretendem, novamente, não apenas fazer Jesus tropeçar, embora façam isso, e colocá-lo em uma situação difícil, mas provavelmente desafiar sua honra e envergonhá-lo. E então, como eu disse, Jesus muitas vezes faz isso ao contrário, questionando seus oponentes.

Em Apocalipse 2 e 3, as sete mensagens às sete igrejas que fornecem o pano de fundo e o contexto para a escrita do livro de Apocalipse, você frequentemente vê Jesus, João falando as palavras de Jesus, registrando as palavras de Jesus às sete igrejas. , você encontra Jesus usando termos de seus oponentes, como Jezabel, um texto do Antigo Testamento, ou a sinagoga de Satanás, termos como esse. Uma das coisas, entre outras, que esses termos podem fazer, mais uma vez, é servir para

envergonhar os oponentes numa sociedade de honra e vergonha. E há uma série de outros exemplos que poderíamos dar onde os autores bíblicos podem estar trabalhando com a dinâmica honra-vergonha, com a ideia de que é preciso agir de uma forma que traga honra e evitar agir de uma forma que lhes traga vergonha.

Outra dimensão sociológica bastante interessante, e vou apenas abordá-la brevemente, mas uma dimensão sociológica interessante, foi exposta de forma mais clara e proeminente por um estudioso do Novo Testamento que talvez mais do que qualquer outro estudo e análise sociológica aplicada aos textos do Novo Testamento, um indivíduo chamado Bruce Molina. E Molina desenvolveu o que chamou de teoria dos bens limitados, e o que ele disse foi que, especialmente quando se trata de riqueza, a riqueza existia em quantidade limitada. Ou seja, se alguém tivesse riqueza e dinheiro, isso seria às custas de outra pessoa.

Se alguém tinha dinheiro, outra pessoa não. Temos um ditado, às vezes você ouve um ditado em inglês norte-americano, que diz que há mais de onde isso veio. No primeiro século, com a teoria dos bens limitados, a afirmação poderia ser revista para dizer que não existe mais de onde isso veio.

Mas simplesmente, esta compreensão de uma teoria de bens limitados provavelmente explicaria o ressentimento dos pobres para com os ricos que vemos refletido várias vezes no texto do Novo Testamento, mas também mesmo no mundo greco-romano de forma mais ampla. O último valor sociológico que quero discutir é aquele que foi reconhecido por vários estudiosos do Novo Testamento, e vários deles o pegaram e utilizaram para explicar o que muitas vezes acontece nos textos bíblicos, e isso é o que é conhecido como sistema de mecenato, ou relação patrono-cliente no mundo antigo, que parece ter prevalecido muito no mundo greco-romano e parece estar por trás de uma série de textos. E o que era isso, a relação patrono-cliente, para ser bem simplista, era que um patrono era alguém que

estava bem financeiramente, que tinha um status social de elite e que tinha os meios financeiros, e essa pessoa também iria muitas vezes entrava em um relacionamento, esse patrono entrava em um relacionamento com um cliente.

Um cliente era alguém que era pobre, que não estava tão abastado, que provavelmente era muito pobre e estava no degrau mais baixo do status socioeconômico. E o que o patrono fazia é estabelecer um relacionamento com o cliente e conceder-lhe benefícios financeiros ou não, talvez proporcionando-lhe trabalho ou outras formas de prestar ajuda em troca dos clientes, geralmente pelo seu apoio político. E a única resposta apropriada do cliente foi basicamente circular pela sociedade e dizer a todos o quão maravilhoso era esse patrono.

Para que possamos dizer que quando chegar hoje, poderemos dizer que quando chegar a hora de votar, então todos saberão em quem votar. Mas o cliente então cantaria louvores ao patrono, forneceria a eles, você sabe, o apoio político, etc. em troca disso como resposta e em agradecimento pelo que o patrono havia feito.

Não responder adequadamente, não responder com gratidão, foi uma violação grave desta relação e uma violação grave desta dinâmica social. Em certo sentido, alguns sugeriram de maneira muito, muito ampla, que o próprio Deus é retratado no Antigo Novo Testamento como o patrono final que concede benefícios ao povo e ali responde com gratidão. Mas esta relação patrono-cliente parece estar por trás de uma série de questões no livro, como 1ª Coríntios.

Por exemplo, em 1 Coríntios 8, 9 e 10, Paulo inclui uma seção onde ele recusa o apoio financeiro dos coríntios, mesmo tendo o direito de receber o apoio financeiro deles como apóstolo e mesmo tendo recebido o apoio financeiro dos coríntios. outras igrejas, como a dos Filipenses e provavelmente a igreja de Roma e algumas outras, é quando se tratava dos Coríntios, ele recusou o apoio financeiro e parte

disso pode ser por causa da relação patrono-cliente e da dinâmica que ele queria para evitar confusão em aceitar o seu apoio financeiro. E há outras coisas acontecendo também, eu acho, que outra dinâmica na sociedade coríntia teria sido a de filósofos viajantes e uma espécie de professores de sabedoria que teriam reunido seguidores, teria havido competição para reunir os seguidores, eles teria pago a um desses filósofos e a esses professores viajantes pelos seus serviços, e por isso Paulo quer evitar tudo isso. Mas a relação patrono-cliente e algumas das questões relacionadas a isso podem ter sido uma das razões pelas quais Paulo recusou apoio financeiro em Corinto.

A maneira como os coríntios tratam seus líderes nos capítulos 1 e 3, você se lembra daquela afirmação que Paulo diz, alguns de vocês dizem, eu sou de Apolo, alguns dizem que sou de Paulo, sou de Cefas, alguns dizem que sou de Jesus, isso pode dever-se a esse tipo de atitude que corria o risco de dividir a igreja, pode dever-se a esta dinâmica patrono-cliente que existia no primeiro século em Corinto. No capítulo 5, um texto muito interessante, no capítulo 5 de 1 Coríntios, o autor Paulo trata de um homem envolvido em incesto e a igreja parece estar disposta a tolerar isso. O que realmente deixa Paulo chateado não é tanto o homem, embora ele esteja chateado com isso, mas as pessoas que são criticadas pelo que estão fazendo é a igreja.

O que realmente incomodou Paulo não foi apenas o fato de o homem estar cometendo incesto, dormindo com sua mãe, a esposa de seu pai, mas o fato de que o que realmente incomodou Paulo foi o fato de a igreja tolerar isso. E pelo menos para nós pensaríamos, bem, por que alguém estaria disposto a fazer uma coisa dessas? É possível que este homem seja um patrono rico? E então ninguém quer tocar nele, ninguém quer denunciá-lo nesta atividade. Isso seria inapropriado para alguém que é um patrono, que concedeu benefícios.

Talvez este seja um homem rico cuja igreja está se reunindo em sua casa ou em uma das igrejas e ele concedeu benefícios financeiros para certas pessoas. Ninguém quer denunciá-lo sobre isso e, portanto, eles estão dispostos a fechar os olhos e tolerar isso. Portanto, é possível que a dinâmica do tipo patrono-cliente explique por que a igreja estaria disposta a tolerar isso.

E há provavelmente uma série de outras questões, como muitos comentaristas de 1ª Coríntios reconheceram. Parece haver uma série de outras questões com as quais Paulo lida na igreja em Corinto que provavelmente decorrem deste sistema de patrocínio, a dinâmica patrono-cliente. Para dar um exemplo de outro livro do Novo Testamento, o livro, um estudioso chamado David de Silva argumentou que o livro de Hebreus depende do sistema de patrocínio e do tipo de dinâmica patrono-cliente, especialmente as passagens de advertência. Ele interpreta à luz disso que o que está acontecendo é que os leitores correm o risco de se recusarem a demonstrar gratidão e de se recusarem a demonstrar gratidão a alguém, Deus, que concedeu tantos benefícios salvificamente a eles.

E se os leitores recusassem isso e se afastassem seria o mesmo que um cliente se recusar a reconhecer e ser grato e a mostrar gratidão pelo que o patrono fez e pelo gracioso presente que o patrono lhe deu. Assim, Silva analisa grande parte do livro de Hebreus à luz da dinâmica social da relação patrono-cliente. A carta a Filemom provavelmente também, pelo menos parcialmente, assume a dinâmica patrono-cliente porque quando você lê Filemom, o último livro do corpus paulino, quando você lê Filemom, Paulo escreve da maneira que ele espera que Filemom reconheça sua responsabilidade e a dívida de gratidão que ele tem com Paulo.

E Paulo parece focar nisso e utilizar isso como uma forma de fazer com que Filêmon siga em frente e leve Onésimo de volta. O principal objetivo de Paulo no livro é fazer com que Filêmon receba Onésimo de volta e parte do que está acontecendo é esse

sistema de dinâmica de patrocínio patrono-cliente que Paulo deseja como alguém que fez algo por Filêmon, agora ele quer que Filêmon, por sua vez, faça algo para Paulo. De certa forma, retribua o favor e mostre gratidão pelo que Paulo fez.

Portanto, pode haver alguma dinâmica patrono-cliente operando ali também. De forma mais ampla e intrigante, isso parece estar por trás de vários livros do Novo Testamento, especialmente o livro do Apocalipse, mas não vou me concentrar em nenhum livro específico. Todo o sistema de governo imperial, em muitos aspectos, parece ter sido construído sobre o sistema de clientelismo e a relação patrono-cliente.

Ou seja, César era visto como um patrono e até além de César, às vezes os deuses, os deuses greco-romanos, incluindo o César, o imperador, que era cada vez mais deificado e recebia títulos de divindade e muitas vezes adorado junto com o panteão dos greco-romanos. Deuses romanos. Muitas vezes, acho que o patrono era, sinto muito, o imperador teria sido visto como, junto com os outros deuses, o patrono que concedeu benefícios como paz, riqueza e segurança a Roma, aos súditos de Roma, e eles eram clientes de quem se esperava que demonstrassem gratidão ao imperador e aos outros deuses, participando de festivais ou cerimônias ou oportunidades para fazer isso. E você pode começar a ver como isso pode criar dificuldades, especialmente para alguns dos autores do Novo Testamento, na tentativa de fazer com que os leitores não participem do que eles viam como participação no culto religioso pagão e comprometendo seu relacionamento com Jesus Cristo e o culto exclusivo. que pertencia a Deus e a Cristo.

Mas muitos deles que operam sob o sistema de patrocínio podem ter visto como impensável e uma violação dos valores sociais que alguém não demonstrasse gratidão ao imperador por tudo o que ele concedeu. Então, quando você vai trabalhar e recebe um salário, não é necessariamente assim que aconteceu, mas se

foi uma colheita frutífera ou a riqueza que eles tinham ou o emprego que têm, eles tinham uma dívida de gratidão para com o seu patrono, o imperador, e também aos deuses greco-romanos por concederem isso a eles. E seria uma violação grave não demonstrar gratidão, por exemplo, através de oportunidades de expressar adoração.

E então, nesse contexto, às vezes os autores do Novo Testamento precisam, estão lutando com um código social muito importante e devem chamar os leitores para, às vezes, se desvencilharem ou se desassociarem de situações em que são chamados a mostrar gratidão e honra ao seu patrono, o imperador, ou os deuses greco-romanos. Portanto, às vezes, olhar para o Antigo e o Novo Testamento através das lentes dos valores sociais e da dinâmica social do mundo antigo através da crítica sociológica pode ser um valor, pois se sobrepõe a preocupações mais tradicionais de estudar a história no texto. Portanto, é importante estar atento ao mundo sociológico ao qual se refere implícita ou explicitamente no texto bíblico.

Um último exemplo interessante, já nos referimos a isso quando falamos um pouco sobre personagem e narrativa, mas em João capítulo 8, versículo 44, quando Jesus chama os fariseus com quem está em disputa, quando os chama, ele diz: você é do seu pai, o diabo. Isto reflete mais uma vez uma importante dinâmica sociológica. Baseia-se na noção de laços de parentesco relacionados à ideia de família.

É a isso que você pertence, sua origem familiar se reflete em seu caráter e em sua própria vida. E assim, a maneira como os fariseus estavam tratando Jesus, recusando-se a acreditar na verdade e querendo matá-lo, em João capítulo 8, Jesus agora demonstra e diz a eles que eles estão realmente demonstrando sua verdadeira linhagem, seus verdadeiros laços de parentesco. Eles pertencem ao seu pai, o diabo, porque ele próprio é um assassino e ele próprio é um contador de mentiras.

Portanto, há todo tipo de compreensão a ser obtida ao observarmos o contexto sociológico dos textos do Antigo e do Novo Testamento. E como eu disse, há uma série de livros úteis e há uma série de comentários retóricos sociais que são muitas vezes sensíveis à dinâmica sociológica do texto bíblico e podem fornecer uma visão nova e fresca sobre como entendemos o texto e fornecer classificação. de um corolário bem-vindo e um acréscimo às nossas abordagens históricas tradicionais do pano de fundo do texto bíblico. Mas dissemos que além do estudo do contexto histórico de um texto está a aplicação de modelos sociológicos, geralmente modelos sociológicos modernos, ao texto bíblico.

Trata-se de teorias sobre o comportamento humano e insights de modelos sociológicos modernos que são aplicados no atacado a textos inteiros ou seções de textos bíblicos, a fim de lançar nova luz sobre a compreensão desses textos . Novamente, deixe-me dar alguns exemplos de estudiosos que aplicaram modelos sociológicos para explicar o que está acontecendo no texto bíblico e meu propósito não é concordar com eles, avaliá-los ou discordar deles, mas apenas dar exemplos. o que foi feito e como isso funciona muito rapidamente. No Antigo Testamento, um dos exemplos mais conhecidos a que a maioria das pessoas se refere para ilustrar uma interpretação sociológica do Antigo Testamento centra-se na ascensão de Israel como nação e também na ascensão da sua monarquia.

Vários tentaram explicar a ascensão de Israel, particularmente a conquista de Canaã, o assentamento na terra, a ascensão da nação de Israel, ou como surgiu a monarquia, a realeza, e tentaram explicar isso usando modelos sociológicos. Por exemplo, um estudioso do Antigo Testamento chamado Norman Gottwald sugeriu e desenvolveu uma teoria que explicava a origem de Israel, que é frequentemente chamada de origem da revolta camponesa para a compreensão da conquista de Israel. E ele diz basicamente o que aconteceu em vez de um modelo mais nômade de Israel entrando na terra, ele disse que o que você tem são camponeses privados de

direitos que são oprimidos pela elite cananéia e pela sociedade hierárquica de Canaã e agora eles se revoltam contra isso e criam um mais sociedade de tipo igualitário.

Assim, ele usa a teoria da revolta camponesa para explicar as narrativas de conquista no Antigo Testamento. Também considerando de forma muito ampla, novamente no mundo judaico, a literatura apocalíptica, incluindo livros como o livro de Daniel em particular e outros apocalipses judaicos, acho que já nos referimos a Enoque antes, mas voltaremos a esse tipo de literatura quando falaremos sobre crítica de gênero mais tarde, mas uma obra de dois volumes de um indivíduo chamado James Charlesworth chamada Pseudepígrafa do Antigo Testamento. O primeiro volume inclui uma coleção de traduções para o inglês da maioria dos primeiros apocalipses judaicos e de alguns dos primeiros apocalipses judaicos-cristãos.

Mas a literatura apocalíptica, que basicamente registra a experiência visionária de um indivíduo que sobe ao céu ou através de um sonho ou de uma experiência do tipo visionário, eles têm visões do céu, do mundo celestial, do inferno. Às vezes eles viajam e conhecem locais diferentes. Às vezes eles veem o futuro.

Mas a literatura apocalíptica proporcionou um campo frutífero para uma análise sociológica. Ou seja, tem havido muito interesse no cenário social e na dinâmica social que deu origem a tal literatura. Por que essa literatura seria importante? Que factores sociológicos, que contexto social no mundo antigo, deram origem a este tipo de literatura, a estas experiências visionárias apocalípticas? Por exemplo, um entendimento comum é que este tipo de literatura é a literatura dos marginalizados e oprimidos.

Ou seja, a literatura apocalíptica surge de um grupo, de um sentimento de alienação ou privação grupal. Este é o cenário social da literatura apocalíptica. Portanto, surge

de um grupo que se sente alienado e privado de direitos da sociedade e do status quo.

A literatura apocalíptica, então, como o livro de Daniel e outros apocalipses judaicos ou o livro do Apocalipse, destina-se a abordar essas preocupações. Ela surge e é a literatura de um grupo oprimido e alienado do resto da sociedade. E alguns até criaram teorias bastante elaboradas sobre o surgimento deste tipo de literatura, especialmente vendo-a como parte da emergência da luta, da profecia, da profecia do Antigo Testamento, da luta entre um grupo visionário e um grupo que é uma elite sacerdotal e dessa luta surgiu a literatura apocalíptica.

Então, o cenário social da literatura apocalíptica que engendra esse tipo de literatura é muitas vezes visto como uma situação de perseguição, opressão ou privação e, além disso, isso também é entendido em termos sociológicos. Tem havido muito debate em alguns dos apocalipses sobre se há realmente uma crise específica. Será que os apocalipses realmente abordam situações específicas de opressão, perseguição e crise? Um modelo sociológico sugere que os apocalipses surgiram em resposta a crises percebidas.

Portanto, os leitores não estão necessariamente passando por uma crise. O que é importante não é se são objectivamente oprimidos ou perseguidos, mas se se sentem assim e se percebem que existe uma crise percebida. Agora, eu acho, eu acho que a última palavra ainda não foi dita sobre o cenário social da literatura apocalíptica, mas, novamente, eu simplesmente dou a vocês um exemplo de como a análise sociológica pode ser usada para tentar explicar as origens de um movimento, movimento apocalíptico ou tipo de literatura apocalíptica.

Mais uma vez, no passado foi frequentemente associado a situações sociais de opressão e alienação, expectativas falhadas e crises percebidas como o cenário

sociológico para este tipo de literatura. Apenas para mencionar alguns outros, muito, muito brevemente, especialmente relacionados ao Novo Testamento. Por exemplo, tem havido uma série de teorias sobre que tipo de profeta Jesus foi, uma série de modelos sociais, mais uma vez, tomando modelos sociológicos que se movem através de culturas e épocas e aplicando-os a Jesus.

Jesus era um tipo milenar de profeta que esperava o fim do mundo? Jesus estava mais buscando transformar a sociedade? Ele era um curador e um milagreiro? Ele era um tipo carismático de profeta? E sem entrar em detalhes, tem havido todo tipo de sugestões sobre que tipo de teoria, que tipo de profeta Jesus era e como isso poderia nos ajudar a entender quem ele era e o que ele fez. Existem várias teorias que tentam explicar o surgimento da igreja primitiva e que tipo de sociedade ela era. Uma série de teorias que tentam explicar como a igreja passou de um movimento de orientação mais carismática para um movimento mais institucional e institucionalizado e uma série de teorias tentaram explicar isso.

Mais uma vez, a minha intenção não é avaliar isso ou expressar concordância ou discordância, mas apenas dar exemplos de como os modelos sociológicos foram usados para compreender o movimento do cristianismo primitivo. Mas iremos, em nossa conclusão, falar um pouco sobre a avaliação geral, como utilizamos essas abordagens. Um exemplo interessante, um sociólogo, o sociólogo John Gager, que é bem conhecido por alguns dos seus trabalhos na explicação das origens da comunidade da igreja primitiva, explicou a ascensão do Cristianismo como uma reação a profecias falhadas.

E ao examinar uma série de outros movimentos, Gager disse basicamente que um fenômeno comum em muitos movimentos é quando, no início, os movimentos têm de lidar com expectativas falhadas e profecias falhadas. E uma das maneiras de fazer isso é através do proselitismo, e através do proselitismo e da evangelização,

reunindo os seguintes em um grupo, uma espécie de ideia de segurança nos números. Ao fazer isso, eles são capazes, de certa forma, de salvar a face ou de manter sua existência no grupo e talvez então lidar com essas expectativas fracassadas.

Assim, Gager tenta explicar o surgimento do Cristianismo através desta compreensão de uma reação à profecia fracassada. Novamente, existem inúmeras outras teorias. Já mencionamos uma pessoa, o nome de David da Silva ou Bruce Molina.

Gerd Tyson é outra pessoa importante que escreveu muito sobre análise sociológica. Novamente, tomando modelos inteiros para explicar o movimento inicial do Cristianismo ou novamente o surgimento de uma nação de Israel ou de sua monarquia ou algo parecido. A título de avaliação, positivamente, os modelos sociológicos, não apenas o contexto sociológico, mas a aplicação de modelos, os modelos sociológicos podem fornecer, por vezes, informações interpretativas valiosas ao lançar nova luz sobre o texto e explicar o que está acontecendo, fornecendo novas explicações pelo que encontramos acontecendo no texto e nos ajudando a superar nossa distância com o texto.

Por exemplo, em 1 Coríntios capítulo 11, onde Paulo aborda outro problema ou situação na Igreja de Corinto e no início do versículo 17, Paulo aborda um problema na Igreja, a Igreja de Corinto, à medida que se reúne para o culto com a forma como conduz a comunhão ou a Eucaristia ou a Ceia do Senhor. Em 1 Coríntios 11, começando com 17 até o final do capítulo, a análise e o contexto sociológico realmente ajudaram a lançar, creio eu, uma visão valiosa sobre esse texto. O principal problema não é apenas teológico, porque muitas vezes interpretamos este texto, especialmente quando Paulo castiga os coríntios por tomarem a Ceia do Senhor de maneira indigna.

Muitas vezes interpretamos este texto principalmente ao longo de linhas teológicas, que Paulo está castigando os coríntios por causa do pecado em suas vidas, tomando a Ceia do Senhor quando eles têm pecados não confessados. E assim Paulo os convida a se avaliarem, e isso é transmitido hoje na forma como frequentemente tratamos este texto, especialmente quando participamos em nossas igrejas e congregações na Eucaristia ou na Ceia do Senhor hoje. Mas uma explicação sociológica pode realmente fornecer um caminho claro para a compreensão do problema, e é que toda a dinâmica patrono-cliente, ou toda a dinâmica social de ricos e pobres, é provavelmente o principal problema por trás do abuso da Ceia do Senhor por parte dos Coríntios.

Isto é, muito provavelmente, como os coríntios participavam da comunhão ou da Eucaristia, da Ceia do Senhor, todo o cliente-padro ou todos os estratos sociais entre os ricos e os pobres teriam sangrado e influenciado a maneira como os coríntios, toda esta sociedade dinâmica e secular, agora se espalhava pelos seus cultos e reuniões e agora influenciava a maneira como eles participavam da Ceia do Senhor. Ou seja, o que teria sido natural para quem vivesse em Corinto neste patrono-cliente ou nesta sociedade com isto, os estratos entre os ricos e os membros mais pobres da sociedade teriam sido, quando se sentavam e comiam uma refeição, era comum que os ricos se reunissem em determinado local da casa e realmente participassem de alimentos mais caros e mais finos, apropriados para os ricos. Ao passo que os membros pobres da sociedade, aqueles dos estratos socioeconômicos mais baixos, teriam-se reunido num local diferente da casa e teriam consumido alimentos de pior qualidade.

E para acrescentar a isso, talvez você tivesse escravos servindo a ambos, especialmente aos ricos. E então a principal dificuldade, o principal problema que Paulo tem não é que os coríntios estejam participando da Ceia do Senhor com um entendimento teológico errado ou com pecados não confessados em suas vidas, mas

eles estão tomando uma refeição, a Ceia do Senhor, a Eucaristia, que devem indicar e celebrar a sua unidade. Estão agora a participar nisso num contexto que perpetua ainda mais as distinções socioeconómicas da sociedade greco-romana.

Ao dividir os pobres e os ricos, os ricos e os pobres, tendo os ricos num local, comendo a melhor comida e os pobres em outro lugar, comendo uma comida inferior, e os ricos ficando bêbados e empanturrando-se, e chamando isso de propriedade do Senhor. Jantar. Foi isso que deixou Paul tão chateado. Então, quando ele diz, quando os castiga por participarem da Ceia do Senhor de maneira indigna, mais uma vez, estou convencido de que ele está direcionando seus comentários e sua retórica principalmente ao modo como os coríntios estão usando a Ceia do Senhor.

Ou seja, estão participando num contexto que reflete as dimensões sociais, sociológicas da sociedade coríntia, onde se distinguem os ricos e os pobres, a dinâmica patrono-cliente que está acontecendo. E então , quando ele lhes diz para se examinarem, não é tanto para pedir perdão por tudo de errado que fizeram. É mais importante examinar a maneira como eles estão usando a Ceia do Senhor para criar divisão e perpetuar a divisão social do que usá-la para criar unidade e expressar sua unidade em Jesus Cristo.

Um segundo valor desta abordagem, obviamente, é que ela coloca o Antigo e o Novo Testamento, mais uma vez, no seu contexto histórico e sociológico. Como alguns estudiosos disseram, é uma abordagem encarnacional para interpretar a Bíblia. Isto é, tudo o que isso significa é um lembrete de que surgiu de um contexto social e histórico específico.

E essas abordagens podem nos ajudar a enfrentar isso. Uma das, algumas das preocupações da abordagem sociológica, especialmente a aplicação de modelos

sociológicos por atacado, a aplicação por atacado de modelos sociológicos, particularmente modelos sociológicos modernos, é a número um, é que as abordagens sociológicas do Antigo e do Novo Testamento às vezes têm uma tendência e o perigo de ser reducionista. Isto é, dá a impressão de que a única explicação para o texto e a única explicação para o que está acontecendo é sociológica, e pode excluir outras explicações teológicas e históricas para uma situação.

Assim, por vezes, há tendências reducionistas por detrás da aplicação de modelos sociológicos. Outro é, mais ou menos relacionado a isso, os modelos sociológicos que tendem a ser anti-sobrenaturais. Isto é, fornecem uma explicação sociológica exclusivamente natural, ao mesmo tempo que ignoram a possibilidade da intervenção de Deus na história e fornecem também uma explicação teológica para o que está a acontecer.

Isso deixa de fora explicações que permitiriam a intervenção divina e de Deus, a obra de Deus no meio do povo. Assim, por exemplo, fornecer uma explicação apenas sociológica para o surgimento da nação de Israel, ignorando ao mesmo tempo as dimensões teológicas e a atividade de Deus na criação da sua nação, seria um exemplo de uma abordagem reducionista, mas também de uma abordagem que ignora a dimensão divina e sobrenatural ao texto bíblico. Uma terceira é que os modelos sociológicos correm o risco de forçar um modelo, especialmente os modelos modernos do Antigo Novo Testamento.

Não há nada de questionável na aplicação de modelos modernos ao texto bíblico. O problema é quando eles são forçados no texto, quando na verdade são modelos que não se enquadram no texto bíblico, mas são usados de qualquer maneira para tentar explicá-los. Alguns modelos sociológicos modernos podem, na verdade, refletir valores e situações muito diferentes dos do mundo antigo.

Assim, no texto bíblico, especialmente os modelos sociológicos modernos devem ser continuamente testados pelos dados do texto e pelo que sabemos sobre o mundo antigo. E, finalmente, alguns modelos exigem, na verdade exigem, a rejeição e o abandono de partes dos dados e partes do texto, o texto bíblico, para que o modelo funcione. E assim mais apropriado, penso eu, é um apelo a uma abordagem eclética que utilize modelos sociológicos juntamente com outros modelos, tais como abordagens históricas críticas e abordagens históricas típicas, mas também os utilize como uma integração com outras técnicas interpretativas e outros métodos interpretativos.

Assim, quando usada juntamente com outros métodos históricos, quando implementada com outros métodos de hermenêutica e outros métodos de interpretação, a crítica sociológica tem o potencial de ser uma ferramenta valiosa para trazer uma nova visão do texto bíblico e ajudar-nos a compreendê-lo mais claramente. Novamente, algo que só pude abordar nesta sessão. A partir da próxima sessão, passaremos a falar sobre outro método de interpretação, que é a questão da crítica de gênero.

Como a compreensão do tipo de literatura com a qual se está lidando afeta a maneira como se entende um texto bíblico? Consideraremos isso na próxima sessão.